

Características da transmissão radiofônica ao vivo: a cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau

Arnaldo Zimmermann¹

Resumo

Este trabalho investiga a especificidade da transmissão radiofônica ao vivo durante coberturas jornalísticas de desastres. A análise utilizou como *corpus* a cobertura realizada pela Rádio Nereu Ramos AM durante o desastre socioambiental ocorrido em Blumenau (SC) em 2008. Os resultados permitem constatar que em uma situação extrema, as características do meio em suas condições de recepção e emissão são potencializadas pelo telefone, como grande diferencial do rádio, facilitando a transmissão ao vivo e a resposta imediata aos ouvintes.

Palavras-chave: rádio; cobertura de desastre; Blumenau.

Abstract

This research investigates the specificity of radio broadcasting live during journalistic coverage of disasters. The analysis used as corpus coverage carried by Radio Nereu Ramos AM during the social-environmental disaster occurred in Blumenau (SC) in 2008. The results allow verifying that in an extreme situation, the characteristics of the medium in their conditions of reception and emission are enhanced by telephone, as large differential radio, facilitating the live broadcast and the immediate response to the listeners.

Key words: radio; disaster coverage; Blumenau.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), especialista em Administração de Publicidade e Propaganda (Furb), e Mestre em Jornalismo (UFSC). É professor da Furb e do Instituto Blumenauense de Ensino Superior (IBES).

Especificidades do meio rádio na cobertura de desastres

A característica de simultaneidade na recepção da mensagem radiofônica é um dos fatores preponderantes para a grande audiência conquistada pelo meio durante as coberturas de tragédias. Para Ferraretto (2001, p.24), além do fato de muitas pessoas poderem receber a mesma mensagem ao mesmo tempo, o rádio acrescenta a possibilidade de um aparelho receptor ser escutado por uma ou mais pessoas simultaneamente. Essa característica, aliada ao imediatismo e à instantaneidade do meio, ou seja, a possibilidade de transmitir os fatos no instante em que eles ocorrem e a necessidade de a mensagem ser recebida no momento em que é emitida (ORTRIWANO, 1986, p.80), confere ao rádio o *status* de mais popular dos meios de comunicação. Da mesma forma, a mobilidade na recepção da mensagem, capaz de permitir ao ouvinte se deslocar fisicamente sem perder a continuidade da informação, também é uma das características fundamentais atribuídas ao meio, capaz de facilitar a manutenção da conexão mental durante um período de atenção concentrada às mensagens, em especial durante a cobertura de eventos como os desastres naturais.

O caráter móvel do aparelho receptor, transportável livremente de fios e tomadas (e energia elétrica), ao uso de pilhas, bateria do automóvel ou agora com a bateria dos telefones celulares, transformou-o em equipamento imprescindível à população durante a ocorrência de desastres e outros eventos que impõem uma alteração drástica na rotina da população.

Estas e outras características do rádio levaram a maior parte dos estudos sobre o meio a concluir que ele é especialmente adequado para a transmissão da informação. De acordo com Ortriwano (1986, p. 84) “o rádio foi o primeiro dos meios de comunicação de massa que deu imediatismo à notícia, graças à possibilidade de divulgar os fatos no exato momento em que eles ocorrem”. Segundo Sampaio (2008, p. 37), o radiojornalismo “intrinsecamente coloca o ouvinte dentro daquela história que passa, no momento exato em que está passando e, extrinsecamente, abre-lhe a alternativa de acompanhá-lo”.

Através de seus diversos formatos², o gênero jornalístico “é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA FILHO, 2003, p.89).

Embora tenha perdido a exclusividade dessa arte de tecer o presente, o surgimento e o avanço da internet oportunizaram ao rádio uma nova ferramenta para difundir e detalhar suas informações além do campo auditivo. É o espírito da informática: “a condensação no presente, na operação em andamento” (LÉVY, 1993, p.115).

A ênfase na urgência que fez com que o rádio fosse tão valorizado como fonte de informações, aliada ao novo fenômeno denominado “webemergência”, presente nas

2 Segundo Barbosa Filho (2003), os formatos do gênero jornalístico no rádio são: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

pautas jornalísticas das emissoras de rádio, impõe uma observação sobre a relação da simultaneidade com os critérios de noticiabilidade:

A frequência de um acontecimento refere-se ao lapso de tempo necessário para que esse acontecimento tome forma e adquira significado [...]: quanto mais a frequência do acontecimento se assemelhar à frequência do meio de informação, mais provável será a sua seleção como notícia por esse meio de informação. (GALTUNG; RUGE, 1965, p.116 apud WOLF, 1999, p.211).

Desta forma, observa-se que nos meios eletrônicos e, de forma intrínseca no rádio, a frequência do acontecimento associada à frequência de emissão da informação, citadas por Galtung e Ruge, adquire estimável privilégio dentro dos critérios de seleção do conteúdo, de acordo com Wolf (1999), para quem os critérios que assemelham a frequência acontecimento-informação ou acontecimento-enunciação estão “mais adequados aos ritmos produtivos da organização do trabalho [das emissoras]” (p.211).

Podemos dizer então que as informações em tempo real seriam resultantes dos fatos que ocorrem no compasso da transmissão radiofônica. Meditsch (2007, p.209) lembra que o rádio possibilitou “a superação do *período* [...] pela *simultaneidade*³ – a simultaneidade entre a enunciação e o acontecimento externo referenciado, mais a simultaneidade entre a enunciação e a recepção do enunciado”. Esta última seria o chamado “caráter vivo” da radiodifusão, “o seu senso de existência em tempo real - o tempo do programa correspondendo ao tempo de sua recepção – [...] um efeito intrínseco ao meio” (MEDITSCH, 2007, p.209). O autor elucida melhor o significado deste “vivo”:

O *vivo em primeiro grau* refere-se assim ao paralelismo do tempo do enunciado com o tempo da vida real (o tempo do relógio), paralelismo que atinge a sua expressão máxima no fluxo contínuo. [...] O discurso produzido pela apresentação de um texto ao microfone [...] pode ser considerado um *vivo em segundo grau* [...]. Um terceiro [grau], ainda intermediário, seria aquele em que não apenas a interpretação viva é agregada a um conteúdo diferido, mas a própria elaboração do conteúdo se realizada simultaneamente com a enunciação, com a utilização predominante do improvisado sem planejamento prévio. [...] A simultaneidade também do acontecimento relatado, completando a isocronia entre quatro tempos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção. A conjunção desses quatro tempos distingue a transmissão direta no sentido pleno da palavra e caracteriza, no fluxo do rádio informativo, o *vivo em quarto grau*, ou o seu mais alto grau possível. (MEDITSCH, 2007, p.210-213, grifo do autor)

Este quarto grau do vivo citado por Meditsch pode ser aplicado tanto à cobertura de acontecimentos anteriormente previstos quanto à cobertura de fatos inesperados, como um desastre. Mas neste último caso, o forte efeito de realidade que a transmissão radiofônica gera é resultado da execução do vivo paralelamente ao

3 grifo do autor

desenrolar da ação. “A ubiquidade e mobilidade da recepção associadas às mesmas ubiquidade e mobilidade na emissão são características da situação comunicativa do rádio ainda não alcançadas por nenhum outro meio” (MEDITSCH, 2007, p.246). Para Meditsch, entre as possibilidades abertas por esta associação em tempo real está a fusão dos contextos, colando o discurso no acontecimento a que se refere, fenômeno que “ocorre cotidianamente nas transmissões em direto, quando receptor e emissor se cruzam num mesmo contexto que é o do próprio acontecimento”. Para o autor, apesar de ter no acompanhamento do trânsito urbano a sua manifestação mais trivial, é durante os desastres em que o rádio intervém que surgem os seus efeitos mais espetaculares (MEDITSCH, 2007, p.246).

É neste sentido que ganha espaço a ênfase no ao vivo, mesmo em detrimento de um conceito de ganho de qualidade nas edições posteriores. Para Meditsch (2007), a ideia clássica de edição herdada do jornalismo impresso, com seções fixas e destaques pré-programados, vem sendo substituída pela seleção e o ordenamento prévios dos conteúdos por um critério móvel, em que esta seleção e este ordenamento dão-se simultaneamente à emissão, conforme o material e o tempo disponível a cada momento (MEDITSCH, 2007, p.104). “Esta técnica de edição adapta para a programação rotineira o *know-how desenvolvido pelo rádio em momentos excepcionais de grandes coberturas e nas transmissões ao vivo*” (MEDITSCH, 2007, p.104).

Há um efeito de aproximação entre emissor e receptor (ou entre emissora e ouvinte), portanto, que Prado (1989) entende como resultado de uma interação natural na comunicação humana a nível oral, que faz com que o ouvinte sintase “incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar” (p.57). É o caráter vivo do rádio, direto e simultâneo aos acontecimentos que “contribui [...] para provocar essa sensação de participação, aquela narração criativa na qual, mais que expor sentimentos próprios, deve provocar estes no ouvinte” (PRADO, 1989, p.86).

Para Baumworcel (2001), “a gravação ou a transmissão ao vivo é mais que uma ilustração sonora, é a própria materialidade da informação em um meio que se faz por uma oralidade aparente” (BAUMWORCEL, 2001, p.111). Para a autora, as sonoras contribuem na aproximação entre ouvinte e o fato documentado:

Além de exemplificar um fato mencionado pelo locutor, de ter uma força documental inquestionável e trazer verossimilhança para a situação descrita, as sonoras colocam os sujeitos e as testemunhas dentro do fato. A introdução do som ambiente no radiojornalismo através das sonoras contribuiu para a criação da imagem mental, permitindo ao ouvinte acompanhar o fato como se o estivesse presenciando, se envolvendo emocionalmente, apesar da distância física do acontecimento. (BAUMWORCEL, 2001, p.111)

Neste sentido, o caráter vivo do rádio é também valorizado por Baumworcel, para quem “o improvisado e o jornalismo direto da rua trouxeram, mais uma vez, vida para o rádio” (BAUMWORCEL, 2001, p.112).

Além da importância das características observadas, a introdução do jornalismo de serviço na cobertura radiofônica também garante um ganho considerável de informação ao ouvinte. Notadamente em ocasiões de necessidade da transmissão de um grande fluxo de informações, atualizadas constantemente, somada à demanda por maiores e melhores orientações acerca dos problemas enfrentados durante uma tragédia pública, é que o rádio retoma suas importantes atribuições, atuando como um real “prestador de serviços” à população.

Esta prestação de serviços lembrada por Ferraretto (2001) como um dos verdadeiros papéis do rádio integra a rotina diária da maioria dos ouvintes, principalmente das emissoras com programação voltada à informação.

Apesar de boa parte da escuta permanecer em nível ambiental, o ouvinte sabe que pode contar com a emissora, caso surja algum fato que interrompa a continuidade dos seus hábitos diários. É como se essa disposição em prestar serviço fizesse parte de um pacote adquirido pelo ouvinte ao ligar o rádio. Assim, partindo da definição de Barbosa Filho (2003, p.134-135) para os produtos radiofônicos de serviço como “informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio”, a adesão do ouvinte pode acontecer pelo interesse em que “a informação que lhe é proposta será diretamente ou indiretamente útil para orientar sua conduta” (CHARAUDEAU, 2009, p.80).

Mas se o rádio vem se firmando como um serviço de utilidade pública, convém resgatar um dos conceitos do jornalismo de serviço como a informação que dá ao receptor a possibilidade de efetiva ação e/ou reação (DIEZHANDINO, 1994, p. 89). De acordo com a pesquisadora espanhola, o jornalismo de serviço é um material útil, prático e, embora nem sempre tenha o sentido de urgência, induz o receptor a atuar.

Esta atuação induzida pelo rádio durante a cobertura de tragédias públicas pode ser proveniente da orientação que o meio exerce sobre os procedimentos antes, durante e após o ápice da catástrofe. É neste momento que o rádio atua de forma ágil, aliando à cobertura jornalística a prestação de serviços de utilidade pública e a participação do público via telefone, e-mail, redes sociais, etc. É a utilidade que o protagonismo do rádio “pode representar em situações em que o conflito se dá entre a sociedade e alguma ameaça, como nos grandes acidentes e catástrofes naturais”. (MEDITSCH, 2007, p.39)

Cabe então observar a distinção feita por Klöckner e Bragança (2001) entre utilidade, serviço, cidadania e informação: a utilidade pública atende uma necessidade imediata dos ouvintes; já o serviço presta orientação para as pessoas e encaminha uma solução; a cidadania é exigir uma solução; enquanto a informação é o ato ou efeito de emitir ou receber mensagens, comunicada a alguém ou ao público (KLÖCKNER; BRAGANÇA, 2001, p.153 e 161).

Neste sentido, serviço, utilidade pública e cidadania agregam valor às infor-

mações emitidas durante uma cobertura de desastre. E o jornalismo de serviço pode funcionar como uma informação complementar ou mesmo como o terceiro eixo dentro de uma reportagem que requeira a comunicação entre fatos anteriores, atuais e posteriores (ZIMMERMANN, 2011).

O desastre de 2008 e a emissora pesquisada

O desastre socioambiental de novembro de 2008 foi o maior da história de Blumenau e concentrou um conjunto de enchente, enxurradas e deslizamentos de terras que atingiu também outros municípios da região. Se até então a cidade já estava habituada a enfrentar inundações provocadas pelo transbordamento do Rio Itajaí-Açu, neste episódio experimentou uma grande mudança de paradigma. O saldo da tragédia foi de 24 pessoas mortas, 5.209 desabrigadas e 25 mil desalojadas entre as 103 mil atingidas, somente no município (SEVEGNANI et. al., 2009, p.113). Muitas estradas desapareceram e a cidade ficou por vários dias sem abastecimento de água e sem energia elétrica.

No total foram 63 municípios de Santa Catarina que decretaram situação de emergência e 14 decretaram estado de calamidade pública, inclusive Blumenau⁴. Em todo o estado houve 135 mortes na tragédia de novembro de 2008, com 1,5 milhões de pessoas afetadas pelas consequências das chuvas, a maior parte no Vale do Itajaí (SEVEGNANI et. al., 2009, p.112).

O estudo para o presente artigo foi realizado com a escuta e a análise das primeiras 63 horas⁵ contínuas da programação especial de cobertura do desastre – entre 21h27min de sábado (22/11/2008) e 12h29min de terça-feira (25/11/2008) - da Rádio Nereu Ramos AM (760 kHz), localizada em Blumenau e identificada sob o prefixo ZYJ742. Por pertencer ao mesmo grupo de radiodifusão, a Rádio Clube de Blumenau AM (1330 kHz), operou em rede com a Rádio Nereu Ramos durante a cobertura do evento, transformando-se em uma só emissora geradora para dois canais distribuidores. Neste sentido, entende-se que a análise comporta o conteúdo de programação de apenas uma emissora de rádio.

Para complementar o estudo, foram utilizados também trechos de entrevistas semiabertas realizadas com três profissionais da emissora de rádio que atuaram diretamente na cobertura do desastre. O objetivo das entrevistas como fonte para a pesquisa é a captação de ângulos diferenciados por conta de quem atuou na linha frontal dos trabalhos de produção e apresentação na emissora, esclarecendo dúvidas sobre lacunas existentes na escuta do material em áudio.

4 O prefeito João Paulo Kleinübing decretou na noite de domingo (23) estado de calamidade pública em Blumenau. No sábado (22), Kleinübing já havia decretado situação de emergência, mas, devido ao agravamento do quadro na cidade, com novas quedas de barreiras e enxurradas, optou-se pela calamidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 2008).

5 A cobertura especial completa da Rádio Nereu Ramos se estendeu ao longo daquela semana, até a sexta-feira, dia 28 de novembro, com a derrubada completa da programação normal, incluindo a suspensão da transmissão do programa A Voz do Brasil, da Empresa Brasil Comunicação (EBC) em todo este período.

A Rádio Nereu Ramos é uma das 13 emissoras de rádio instaladas em Blumenau e inaugurou suas operações em 1º de setembro de 1958 (REIS; MARTINS, 2005, p.152). Operando com 25.000 watts de potência, o sinal da Rádio Nereu Ramos atinge principalmente a região do Vale do Itajaí e sua audiência ocupava o primeiro lugar na cidade, conforme pesquisa⁶ realizada em período anterior ao desastre.

O formato de programação da emissora é denominado Informativo/ *Talk and News* e alguns de seus programas habituais⁷ são baseados no espaço aberto à participação do ouvinte.

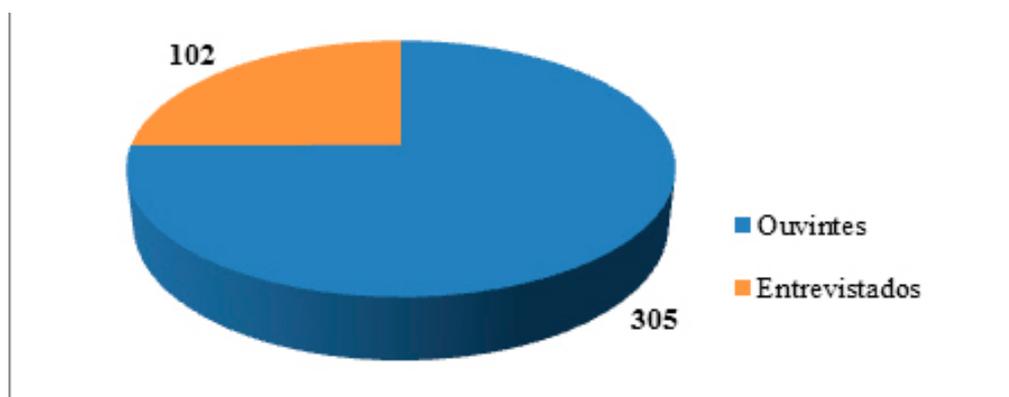
Análise da cobertura realizada pela Rádio Nereu Ramos

Dentro do período analisado, tiveram envolvimento direto na cobertura 11 profissionais da Rádio Nereu Ramos. Outros colaboradores desta e também de outras emissoras da cidade fizeram algumas intervenções ocasionais por telefone, mas sem continuidade do trabalho de cobertura durante o desastre.

As principais tarefas realizadas pelos profissionais da emissora, registradas dentro do período analisado, foram: transmissão/apresentação direto do estúdio das principais notícias acerca do desastre; entrevistas por telefone, reportagem externa e estúdio; mediação da participação dos ouvintes por telefone; leitura de mensagens enviadas pelos ouvintes por telefone ou pela internet; transmissão de reportagens externas direto dos locais dos acontecimentos. Todas as intervenções dos profissionais da emissora foram realizadas ao vivo.

No período analisado, foram registradas 407 intervenções de ouvintes e entrevistados. Destas, 305 participações se referiam a intervenções de ouvintes e 102 de entrevistados que foram procurados pela emissora ou que entraram em contato com a mesma para conceder entrevista a respeito da tragédia, conforme a Figura 1 a seguir:

Figura 1: Distribuição das intervenções



⁶ IBOPE – INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. Ibope Easy Media 3. São Paulo, 2006.
⁷ Disponível em <http://www.radioneuramos.com.br/programas/default.aspx?s=1> Acessado em 08.02.2013.

Entre as 305 participações dos ouvintes, 253 são consideradas participações diretas no ar, ou seja, o ouvinte pôde expor diretamente sua voz no ar, sem intermediários (conforme Figura 2). Além disso, essas participações são consideradas síncronas à transmissão do conteúdo ao vivo da programação. Dentro deste formato, houve 236 participações por telefone ao vivo no ar, 16 participações ao vivo via reportagens externas e apenas 1 participação de ouvinte ao vivo no estúdio da emissora, conforme Figura 3. Todas as 253 participações diretas no ar podem ser enquadradas como um “quarto grau do vivo”, de acordo com o conceito de Meditsch (2007), onde há a conjunção do acontecimento, da produção do relato, da enunciação e da recepção. Neste sentido, entende-se como acontecimento principal a própria ocorrência do desastre, embora este também tenha embutido vários outros pequenos acontecimentos ao longo de seu percurso.

Já as outras 52 participações são consideradas indiretas e assíncronas, pois exigiram intermediários para retransmitir suas mensagens no ar e a enunciação de seu conteúdo não ocorreu simultaneamente à intervenção do ouvinte. Todas as participações indiretas não tiveram identificação de meio de origem. Há que se registrar a suposição de que essas participações sem identificação do meio utilizado sejam provenientes de telefonemas fora do ar ou via internet (envio de e-mails à emissora), ferramentas utilizadas pelo veículo durante a cobertura do evento e confirmadas pelos profissionais entrevistados. Como a leitura de mensagens enviadas pelos ouvintes ocorreu ao vivo pelos apresentadores no estúdio, é possível considerá-las como “um vivo em segundo grau” (MEDITSCH, 2007), onde o discurso do emissor apoia-se na leitura de um texto previamente escrito.

Nas Figuras 2 e 3 verifica-se a distribuição das participações do ouvinte no período analisado de acordo com sua forma:

Figura 2: Formas de participação do ouvinte

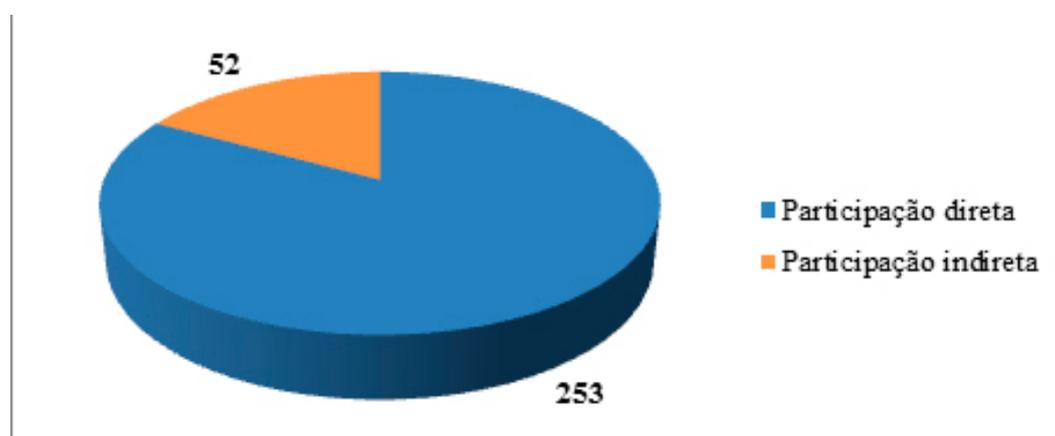
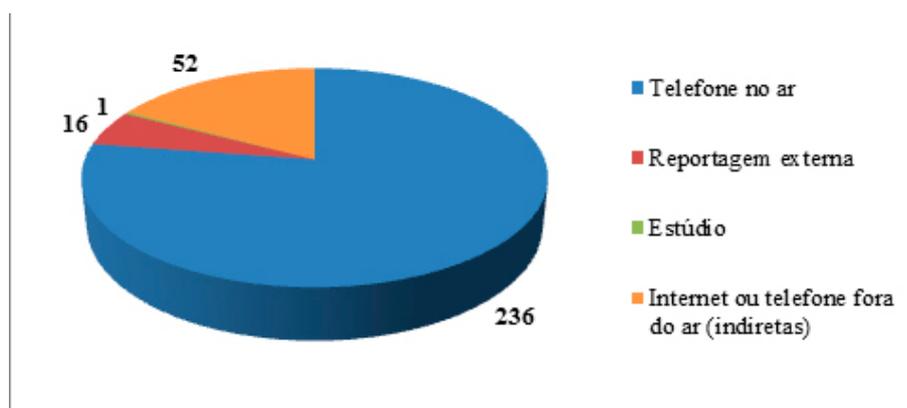


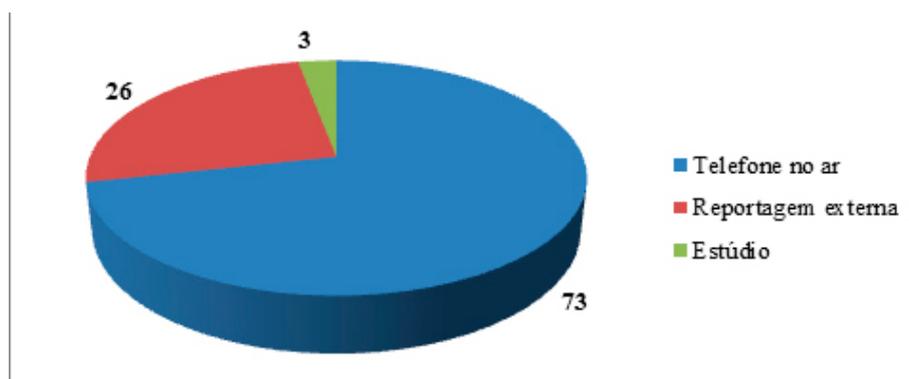
Figura 3: Distribuição das Formas de participação do ouvinte



Quanto às entrevistas realizadas pela emissora no período analisado, todas foram diretamente ao ar, ao vivo, em caráter síncrono com a transmissão do conteúdo ao vivo da programação. Do total, 73 foram realizadas via telefone, 26 via reportagem externa e apenas 3 realizadas no estúdio da emissora, conforme mostra a Figura 4. Todas as entrevistas realizadas através de reportagens externas ocorreram a partir da segunda metade do período analisado, revelando a dificuldade de deslocamento de repórteres ao encontro das fontes jornalísticas nos primeiros momentos do desastre, onde muitos acessos estiveram limitados devido a inundações e deslizamentos de terra. Com o crescimento das intervenções dos repórteres da emissora direto dos órgãos públicos envolvidos com o socorro às vítimas e também de alguns pontos da cidade atingidos pelos deslizamentos de terra, o caráter utilitário do rádio é realçado, com informações sobre obstrução ou liberação de ruas, rodovias e sobre suspensão de serviços básicos à população. Coincidentemente, nos momentos de maior volume de informações úteis que a emissora detém e repassa aos ouvintes, menor é o volume de participações do público no ar.

Na Figura 4 verifica-se a distribuição das entrevistas no período analisado de acordo com sua forma:

Figura 4: Formas de participação dos entrevistados



Entre as 305 intervenções de ouvintes observadas, 103 se configuraram como “pedido de informação ou opinião”, onde é exposta claramente a finalidade do ouvinte buscar uma informação precisa ou uma orientação por parte da emissora ou dos órgãos competentes ligados à defesa civil. Entre cada um desses pedidos de informação e o eventual retorno sobre o problema, foi possível observar intervalos de tempo variados, conforme a dificuldade de a equipe conseguir fazer contato com as fontes necessárias para fornecer as respostas. As orientações instantâneas mais comuns fornecidas pelos apresentadores aos ouvintes apoiaram-se muito mais pela experiência profissional de cada um, como dicas de economia de água, procedimentos para compra de alimentos, etc.

Sobre a dificuldade em não ter respostas aos ouvintes durante a conversa no ar, o apresentador e coordenador de jornalismo da emissora, Paulo César da Silva, explica que era fundamental buscar as respostas diretamente com as autoridades no ar, já que estava diante de um acontecimento totalmente diverso daqueles a que estava habituado:

Era o ouvinte cobrando, reclamando ou criticando [...] porque que não vinha água, porque que não tinha a luz... a cidade estava vivendo um caos, estava um colapso. Então a gente entendeu que naquele momento o mais importante era buscar as autoridades pra dar essa resposta pro ouvinte que queria saber quando a luz ia voltar, quando é que o serviço de abastecimento de água ia ser restabelecido [...]. (SILVA, 02/02/2012)

O jornalista Jorge Theiss, por sua vez, explica que o departamento de jornalismo da emissora estava muito habituado a trabalhar com informações concretas e que muitas vezes havia o receio de passar uma informação incorreta justamente por apenas “imaginar uma situação à distância”, mas não ter certeza sobre a mesma. Inicialmente a ideia era em primeiro lugar buscar uma fonte oficial pra depois dar uma resposta.

O que acontecia muitas vezes é que um ouvinte ligava pela manhã precisando de algo, de uma informação e a gente demorava muito pra conseguir isso, por não ter o conhecimento aprofundado disso, portanto demorava um pouco até chegar numa fonte oficial, de ter a certeza daquela informação e passar. (THEISS, 07/02/2012)

O apresentador Joelson dos Santos concorda que a grande dificuldade que a equipe tinha ao longo da cobertura e das participações dos ouvintes era dar respostas e encaminhamentos às pessoas que ligavam, principalmente pedindo ajuda. Ele conta que muitas vezes, apesar das tentativas de contato com as fontes, paralelamente às participações, não havia respostas imediatas.

Você não conseguia dar uma resposta naquela hora pra pessoa, você tinha que dizer “ó, tá aqui, tá anotado, vamos atrás, vamos correr atrás dessa informação, vamos correr atrás dessa ajuda”, mas a dificuldade que a gente sentia era não poder dar uma resposta imediatamente. (SANTOS, 23/02/2012)

Neste sentido, apesar de o número de ouvintes partícipes da programação ser superior ao número de entrevistados, a duração média de tempo das entrevistas é maior do que a média de tempo das participações dos ouvintes, justificada também pela falta de informações que a emissora detinha. Santos recorda que a entrevista se tornava prioridade quando servia para responder a vários questionamentos de ouvintes simultaneamente. Para ele, a “entrevista seria de interesse coletivo, era esse o foco principal” (SANTOS, 23/02/2012).

No entanto, as lacunas deixadas pela ausência de equipes de reportagens e o espaço vazio deixado pelo escasso acesso às fontes oficiais e, conseqüentemente, a novas informações, permitiu que o ouvinte fosse o principal fornecedor de informações durante os estágios iniciais do desastre. Esse fato fica evidente diante das constantes repetições de informações no ar, como o nível do Rio Itajaí-Açu e previsões de elevação do mesmo para as horas seguintes. Essas informações, comuns durante a primeira metade da cobertura e rotineiras durante os procedimentos de cobertura de cheias na região, entravam em choque com a nova e alarmante situação que a cidade começava a viver. Por um lado, a importância da repetição de dados para ouvintes que estavam ligando o rádio a cada momento. Por outro lado, a gradual decisão da equipe jornalística em ouvir as testemunhas civis, para que de certa forma pudesse confrontar os relatos com as declarações oficiais das autoridades. Esse testemunho surgiu como uma necessidade operacional da emissora, pois como confirma Joelson dos Santos, não havia equipe suficiente para enviar ao bairro a fim de verificar o relato de um ouvinte (SANTOS, 23/02/2012). Já o coordenador de Jornalismo da emissora, Paulo César da Silva, acredita que a voz do ouvinte era um complemento à informação da autoridade e da informação que a equipe produziu (SILVA, 02/02/2012). Para Jorge Theiss, era importante realizar esse choque de informações com as fontes oficiais (THEISS, 07/02/2012).

Este cruzamento de informações com origens e formas de intervenção diferenciadas observadas durante a cobertura realizada pela emissora auxilia, seguramente, na formação sugerida de um tripé entre cobertura jornalística, prestação de serviços de utilidade pública e participação/colaboração do ouvinte, quesitos indispensáveis para o que o meio rádio se consolide como protagonista dos acontecimentos diante de situações extremas.

Considerações finais

As características tradicionais do rádio como forte meio de comunicação para a transmissão de informações mesclam-se, na cobertura analisada, com os aspectos envolvendo a construção das mensagens através de múltiplas vozes. O imediatismo e a instantaneidade do rádio para a produção, circulação e reconhecimento (con-

sumo) das informações estendem-se também à simultaneidade da execução do diálogo abordando os vários aspectos envolvendo a ocorrência do desastre, revelando a ênfase no “ao vivo”, como uma particularidade de grande diferenciação do rádio para a maioria dos outros meios de comunicação. A importância de tal característica durante a participação de ouvintes e entrevistados na cobertura da emissora pesquisada é evidenciada pela utilização do telefone, como principal ferramenta de interação diante de inúmeros obstáculos impostos pelo desastre, como a falta de energia elétrica, por exemplo.

A comunicação horizontal proporcionada pelo telefone fez com que o rádio em determinado momento da história pudesse se antecipar às tendências de interatividade na mídia e em outro momento ficasse sujeito ao tensionamento imposto pelas novas mídias. Entretanto, o caráter síncrono da comunicação pelo telefone facilita a transmissão ao vivo e a resposta imediata, nem sempre presentes em outros meios, inclusive naqueles mais emergentes. A materialização do sentido polifônico no rádio jornalístico acontece com a inclusão de diversas vozes, com seus tons, timbres, ritmos e flexões singulares, facilitando a simultaneidade entre as falas e estas com o desenrolar dos acontecimentos. Neste sentido, diante das diversas dificuldades encontradas para a transmissão de informações durante um desastre, o telefone garante a intertextualidade polifônica como uma especificidade do meio rádio diante de situações de emergência. Soma-se a isto a pressa (habitual na rotina de cumprimento diário das pautas, mas ampliada durante a cobertura de tragédias em tempo real) para colar ao máximo “o discurso no acontecimento a que se refere”, como lembra Meditsch (2007, p.246).

Embora observadas todas as adversidades da ocorrência e as limitações das operações na cobertura radiofônica analisada, fica evidenciado que a simultaneidade na recepção da mensagem, somada à frequência da transmissão do conteúdo paralela à frequência do acontecimento, consolidam o rádio como meio de comunicação indispensável diante da imprevisibilidade de um evento.

Referências

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BAUMWORCEL, Ana. Radiojornalismo e sentido no novo milênio. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. Pp. 109-116.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DIEZHANDINO, Maria Pilar. **Periodismo de Servicio: La utilidad como comple-**

mento informativo em Time, Newsweek y U.S. News and World Report, y unos apuntes Del caso español. Barcelona: Bosch Comunicación, 1994. 214p.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

KLÖCKNER, L; BRAGANÇA, M. A. Radiojornalismo de serviço. AM e FM em tempos de internet. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. Pp. 149-168.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2007.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1989.

REIS, Clóvis; MARTINS, César. A publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70. In: QUEIROZ, Adolpho (Org.). **Propaganda, História e Modernidade**. Piracicaba: Editora Degaspari, 2005. Pp.151-168.

SAMPAIO, Walter. Teoria e prática do jornalismo no rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008. Pp. 37-47.

SEVEGNANI, Lúcia et. al. Gente socorrendo gente. In: FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**. Água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009. Pp. 111-127.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999. 271p.

ZIMMERMANN, Arnaldo. Jornalismo de Serviço no Rádio: a informação que provoca a ação. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34, 2011, Recife. Anais..., Recife: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1529-1.pdf>

Sites:

Rádio Nereu Ramos - <http://www.radionereuramos.com.br/programas/default.aspx?s=1> Acessado em 08.02.2013.

Entrevistas:

SANTOS, Joelson. **Entrevista concedida.** Blumenau, 23/02/2012.

SILVA, Paulo César Da. **Entrevista concedida.** Blumenau, 02/02/2012.

THEISS, Jorge Eliseu. **Entrevista concedida.** Blumenau, 07/02/2012.